

PODER, MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES: UM ESTUDO DO MUSEU MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA (MG)

Hélio Carlos Miranda de Oliveira

Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia
Bolsista CNPq – Brasil
heliocarlosudi@yahoo.com.br

Renata Rastrelo e Silva

Mestranda em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia
Bolsista CNPq - Brasil
renatarastrelo@yahoo.com.br

Beatriz Ribeiro Soares

Professora do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia
brsoares@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal discutir a memória produzida e as representações criadas pelo Museu Municipal de Uberlândia e a mostra Nossa Raízes, questionando qual a memória está sendo preservada nesse museu e quais interpretações estão sendo dadas às memórias da cidade.

Palavras-chaves: museu, memória, representação, poder.

POWER, MEMORIES AND REPRESENTATIONS: A STUDY OF THE URBAN MUSEUM OF UBERLÂNDIA (MG)

ABSTRACT

The present article has as objective main to argue the produced memory and the representations created for the Urban Museum of Uberlândia and the shows Our Roots, questioning which the memory is being preserved in this museum and which interpretations are being given to the memories of the city.

Key-words: museum, memory, representation, power.

INTRODUÇÃO

Na sociedade atual, marcada pela constante busca do novo, da inovação, os museus são espaços privilegiados na tentativa de preservar a memória dos povos. No entanto, muitas vezes eles atuam como perpetuadores de uma memória hegemônica, legitimando os avanços “progressistas” que muitas vezes se fazem gerando desigualdade e exclusão social, o que acaba sendo escamoteado na produção dessa memória.

Assim, o Museu Municipal de Uberlândia e sua mostra *Nossas Raízes* é o objeto de análise desta pesquisa, sendo que seu objetivo principal é investigar a memória da cidade de Uberlândia, produzida e disseminada, por meio dessa mostra. As fontes utilizadas para a realização dessa pesquisa compreendem o catálogo e os painéis/textos da mostra, jornais da cidade, leis, atas de reuniões da Câmara Municipal, documentos obtidos no Museu, além de leituras teóricas sobre o tema e entrevistas realizadas com alguns visitantes do Museu.

Recebido em 18/09/2006
Aprovado para publicação em 19/01/2007

Museu Municipal e a Mostra *Nossas Raízes*: memórias e representações do poder

O Palácio dos Leões, projetado pelo arquiteto Cipriano Del Fávero, foi construído durante os anos de 1916 e 1917 para ser a sede do poder legislativo da cidade de Uberlândia (MG); é uma obra significativa, uma vez que contribuiu, segundo Soares (1997, p. 106) “para materializar o discurso do progresso na cidade”, discurso que foi sempre propagado pela elite uberlandense ao longo dos anos.

Na época de sua construção o prédio “encantou” os moradores por vários motivos, dentre eles, o fato de esse ser o primeiro prédio da cidade a ter dois pavimentos, além de ser erguido no centro de uma praça e também por ter diferentes influências arquitetônicas, quais sejam, chinesas, indianas e turcas (SOARES, 1997). Esse prédio procurou, então, cristalizar o ideal da elite uberlandense de que essa era uma cidade ordeira, progressista, majestosa, tendo em vista que não só esse, mas inúmeros outros prédios foram construídos por essa elite, a fim de legitimar esse ideal e difundir a idéia de que essa cidade estaria em consonância com o desenvolvimento do país rumo à modernidade, como podemos observar nos fragmentos de falas de representantes da elite local uberlandense:

Parafraseando um ilustre mineiro, na histórica frase que definia que o outro nome de Minas Gerais é liberdade, poderíamos dizer, sem medo de errar que o outro nome de Uberlândia é desenvolvimento. A cidade nasceu, cresceu e vem se constituindo sob este signo, que é marca e vocação de um povo determinado a construir aqui, nesse Brasil Central, uma cidade que concilia como poucas o crescimento econômico com qualidade de vida. A determinação de seu povo para o trabalho tem conseguido criar, no Triângulo Mineiro, uma ilha de prosperidade no mar da crise brasileira. O impacto das dificuldades que atinge a todos vem sendo superado com competência e talento dos que constroem com seu suor, um dos mais ricos capítulos da história do desenvolvimento do país. É esta Uberlândia que empresta ao país um modelo de eficiência e que cumpre a parte que lhe cabe na tarefa de construção de uma nação mais justa para todos. (GALASSI *apud* CARVALHO e CARVALHO, 1998, p. 38).

Uberlândia, que cidade é essa que vive de desafios e consegue se superar a cada dia? Que povo é esse que, na maioria das vezes, mesmo sem ter nascido aqui é tomado de um amor que se manifesta constantemente em forma de participação? Uberlândia, que fez esta combinação feliz em ousadia e simplicidade, de juventude e experiência, de conhecimento e de prática, de trabalho e lazer, de esperança e certeza? Uberlândia, esse sonho bonito que é realidade de muitos. Uberlândia, simplesmente uma cidade que nasce sem se desarmonizar, onde a evolução da tecnologia, a força do comércio, da indústria, agropecuária estão voltadas para o ser humano (MACHADO *apud* CARVALHO e CARVALHO, 1998, p. 39).

É a partir dessas idéias que nos propomos investigar diversas questões referentes ao Museu Municipal de Uberlândia¹ – cuja sede é o Palácio dos Leões – sendo que a primeira delas é a própria localização do Museu nesse prédio, prevista pela lei municipal nº 4.209, artigo 4º, de 25 de setembro de 1985² que prevê a transferência do Museu para esse prédio a partir do momento em que for construído um novo prédio para abrigar a Câmara Municipal de Uberlândia. No ano de 1993 a Câmara foi transferida para sua nova sede e a partir de 1994, a Secretaria Municipal de Cultura, a qual é responsável pelo Palácio dos Leões desde 1985, ano de seu tombamento, iniciou algumas ações a fim de adequar o prédio para receber o Museu, sendo que uma das primeiras

¹ É preciso que se diga que a cidade já possui desde 1986 um Museu, o qual era denominado Museu de Ofícios de Uberlândia e que foi viabilizado pela aquisição, feita pela prefeitura da cidade, do acervo do Sr. Argemiro Costa, funcionário aposentado do Fundo Rural (FUNRURAL) e colecionador de peças, as quais, depois de analisadas, deram origem ao Museu de Ofícios.

² Essa mesma lei, em seu artigo primeiro, tombou como patrimônio histórico, artístico e cultural do município de Uberlândia, o prédio do Palácio dos Leões, o coreto e a praça Clarimundo Carneiro, na qual ambos estão localizados.

ações foi o processo de restauração do prédio, iniciado em 1995, e adequação do mesmo às necessidades museológicas. Acreditamos não ser mero acaso a escolha desse local, tendo em vista os significados atribuídos a ele como sendo um dos lugares que representou o progresso uberlandense.

Desde então, o Museu sofreu uma reavaliação a partir de conceitos de preservação do patrimônio histórico que tem como eixo o objetivo de testemunhar vivências humanas, tanto que a mostra em questão, nessa pesquisa, *Nossas Raízes* – aberta ao público em agosto de 2000, com duração de cinco anos e que retrata o período que compreende desde o início da ocupação da região, no século XIX, até 1908 – tem como norteador um projeto conceitual histórico/antropológico, cujo intuito é, através de objetos usados no cotidiano, retratar aspectos da vida na cidade de Uberlândia, além de seus valores e costumes³.

A partir dessa constatação uma importante indagação se coloca, a qual diz respeito a esse propósito de retratar o cotidiano das pessoas: que pessoas são essas? Como elas são retratadas?

Para que compreendamos tal indagação faz-se necessário conhecermos a programação visual da mostra *Nossas Raízes* que é dividida em quatro salas. Essa descrição será feita conforme o programa de visitação pública do Museu, cuja ordem é a seguinte: a primeira sala é a do Bandeirante, intitulada *Bandeirantes: Bandos-de-vasta-ação* e é composta por painéis/textos que contam a história dos bandeirantes, um mapa com o caminho percorrido pelo bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, um painel com imagens e textos que enfocam sua ação sobre os povos indígenas habitantes da região e, por fim, a montagem cenográfica de um acampamento bandeirante o qual mostra os equipamentos daqueles que vieram para a região do Triângulo Mineiro e que posteriormente fundaram a cidade de Uberlândia. O destaque da sala é o bandeirante, colocado como elemento central, seja no cenário montado, seja no painel que retrata sua ação sobre os índios, os quais ficam, no cenário, ao fundo, sem grande relevância. No painel, a figura do bandeirante se sobrepõe à do índio, ficando este em segundo plano. Percebe-se que nessa sala está presente uma relação de poder, visto que se privilegia a história daqueles que foram os “vencedores” do processo de ocupação da região.

O título desta sala também é sugestivo, na medida em que nos possibilita uma dupla interpretação, através dos seus dois significados: “Bandeirantes: bandos de vasta ação” e “Bandeirantes: bandos de devastação”. O primeiro nos remete à idéia de que estes homens foram responsáveis pela construção da região, além da ocupação e do desenvolvimento do interior do país. Esses “bandos de vasta ação” ganham destaque e são lembrados como heróis no Museu. O segundo título nos remete à destruição que esses homens trouxeram consigo. Eles destruíram os habitantes da região, escravizando-os, em nome da cruz e de seus ideais. Esses “bandos de devastação” não ganham destaque, uma vez que conhecer a contradição não é interessante para elite, e é necessário que eles sejam conhecidos como “bandos de vasta ação”.

A segunda é a sala das fazendas, intitulada *O fazedor e o fazendeiro nas fazendas*. A programação visual dessa sala é formada por painéis/textos que tratam das fazendas e dos carros de bois, além de um painel artístico com rodas desses carros e a exposição de objetos ligados ao cotidiano das fazendas. Essa sala demonstra a importância da fazenda, que foi elemento relevante para o surgimento da cidade, pois foi a partir de suas organizações espaciais que surgiu o município de Uberlândia. É dado destaque à Fazenda São Francisco de Assis, de propriedade do Sr. João Pereira da Rocha, o qual implementou um sistema de concessão de terras que originou o povoamento de Uberlândia, atualmente conhecido como Bairro Fundinho. Nessa sala mais uma vez está presente a relação de poder que se configurou nesse local, pois o destaque é dado aos grandes fazendeiros, enquanto o escravo é representado através de grilhões e de suas ferramentas de trabalho. A partir daí pode-se dizer que a memória produzida sobre a cidade privilegia os “grandes homens”, ao passo que negros e índios são meros coadjuvantes da história, ou seja, são colocados à margem dela.

³ Cf. Histórico do Museu Municipal (1983).

Lembranças aquecidas do cozer...das cozinhas é o título da terceira sala, na qual a figura da mulher é bastante destacada, pois ela era responsável pela manutenção de algumas tradições e costumes existentes nas famílias daquele período. “Ali, a mulher vivia enredada num eterno fazer, organizando a intimidade, garantindo a subsistência, transmitindo hábitos e ensinamentos, perpetuando tradições, usos e costumes no seio de uma grande família” (MMU, 2000, p. 33). A sala é composta por painéis/textos e pela reprodução cenográfica de uma cozinha, com utensílios e mobiliários. A localização dessa sala no próprio Museu reproduz a concepção do período retratado em que a cozinha ficava à parte da casa, posto que as atividades domésticas eram realizadas por escravos. Essa é a sala do Museu com a qual os visitantes mais se identificam, uma vez que seu cenário é algo “familiar”, ou seja, os objetos ali expostos evocam experiências que abarcam tais objetos.

A última sala, *Uberabinha: Uberlândia em Formação*, é composta por painéis/textos contando a história da cidade, painel/*cartoon* com leis que a regulamentavam e uma maquete da cidade naquele momento retratado. Essa sala é bastante significativa no sentido de propagar o ideal de progresso sempre difundido na cidade de Uberlândia pela elite local. Esse ideal é claramente perceptível em um dos painéis dessa sala através da seguinte frase: “Adquiriu novo aspecto, um ritmo acelerado com sua atmosfera cortada pelos sons de buzinas, de sirenes e de motores interrompidos a cada esquina em tantas ruas asfaltadas e emparedadas de concreto”⁴. O que aparece bastante óbvio nessa citação é o caráter da passagem de uma sociedade rural para uma sociedade urbana, que estaria marcada pelo progresso e pelo desenvolvimento, expresso através da chegada dos veículos motorizados. Essa idéia progressista ganhou nessa citação um ar poético que leva a imaginar essa “passagem” como algo tranquilo, sem conflitos.

Entretanto, através do trabalho de Carrijo (2002), podemos perceber que as transformações não se deram desta forma suave e pacífica, uma vez que a urbanização e a chegada de veículos motorizados provocou diversos acidentes que aludiam à mudança na concepção de tempo e espaço, introduzidas por esses veículos e que demandaram adaptações que ocorriam lentamente e de forma conflituosa.

A partir daí podemos refletir sobre a visão de história contemplada nessa mostra, que muitas vezes obscurece os conflitos, tentando disseminar a idéia de que a história se faz sem o enfrentamento de diferentes projetos gestados na sociedade. É, portanto, uma concepção de passado e de cidade que devem ser investigadas, haja vista, que é um passado que nos parece estático e que dá a idéia de ser **a** verdadeira história de Uberlândia, a única possível e permitida.

Partindo dessas idéias, podemos afirmar que a memória é construída, portanto, ela é histórica, possui vários sentidos e vários conteúdos. A memória é, segundo Alessandro Portelli⁵, algo individual que se constitui num processo de contínua elaboração não havendo, desta forma, memória, mas sim **memórias**, ou o que ele chama de “um horizonte de memórias possíveis”, posto que os sentidos que se atribuem ao passado são diferentes, afinal estamos falando de uma sociedade de classes. Todavia, a memória que está nos arquivos e museus parece, muitas vezes, tentar apagar a idéia de que existem diversas interpretações de uma mesma cidade, excluindo as várias memórias e colocando em seu lugar a idéia de que o real, o realmente acontecido é o que está ali preservado, como se ali estivesse **a** verdadeira história da cidade. Nesse sentido, Soares (1988, p. 05), analisando a cidade de Uberlândia, afirma que: [...] “os registros históricos foram feitos pela classe dominante, pelo seu discurso oficial, que desde os primórdios apresentam Uberlândia como a ‘cidade jardim’, ‘a cidade sem mendigos’, a ‘cidade sem crises’”.

Desse modo, ao falarmos de história, de memória é pertinente apontarmos sempre para as diferentes possibilidades gestadas na sociedade, ou seja, os diferentes projetos sociais, as diferentes formas de vivenciar e experimentar a história, atentando-nos para o fato de que a memória

⁴ Texto retirado de um painel exposto no Museu Municipal de Uberlândia, na sala: Uberabinha: Uberlândia em formação.

⁵ Cf. ALMEIDA e KOURY (2001-2002).

“hegemônica”⁶ construída sobre a cidade não foi e não é a única maneira de se vivenciá-la.

A mostra aqui estudada parece transmitir uma visão um pouco folclórica e romantizada da cidade, na medida em que os conflitos de interesses, os embates sociais não aparecem de forma muito clara, evidenciando uma concepção de cidade que condiz com os ideais burgueses de disseminação de uma memória apaziguadora dos conflitos e contradições.

Assim, torna-se importante investigar a memória da cidade de Uberlândia que está preservada no Museu Municipal e concretizada na mostra de longa duração, *Nossa Raiz e para isso também se faz necessário pensar a relação presente/passado aí contemplada*, isto é, quais as intenções, os objetivos que moveram a produção dessa mostra.

Em primeiro lugar é preciso dizer que no ano 2000, ano de abertura da mostra *Nossas Raízes* ao público, o prefeito de Uberlândia era Virgílio Galassi⁷, membro da elite uberlandense. No catálogo de divulgação da mostra, o primeiro texto é do então prefeito Virgílio Galassi. Segundo ele, a mostra *Nossas Raízes* representa, para os jovens, a possibilidade de entrar em contato com alguns aspectos que fazem parte da história, da “herança cultural” da cidade. A mostra significa também, para ele, a possibilidade de os jovens perceberem as mudanças que se processaram na cidade de 1908 a 2000 (MMU, 2000).

A partir das afirmações do então prefeito, podemos perceber como o ideal de progresso e desenvolvimento perpassa todo o seu discurso, uma vez que a cidade se modificou, cresceu e se desenvolveu no período de 1908 a 2000. Isso é ainda perceptível com maior clareza na seqüência do texto que merece ser citado:

Nosso caminho foi de pedra, forçando um crescimento único, para que seu fruto pudesse ser usufruído por tantos outros. [...] Os primeiros passos foram lentos, porém seguros, fazendo com que a vida acontecesse rápida, nos moldes que vivenciamos hoje. Uberlândia fruto de trabalho responsável (MMU, 2003, p. 3).

Essa fala é emblemática, na medida em que, além de reforçar a idéia de progresso, argumenta que ele teria sido distribuído a “tantos outros”. Sabe-se, porém, que o “desenvolvimento” uberlandense não foi tão distribuído assim, haja vista a grande desigualdade social que marca essa cidade.

A fala do então prefeito ainda nos faz pensar sobre uma outra questão: a exaltação heróica daqueles que “construíram” essa região. Fazendo uma conexão com alguns painéis/textos da mostra percebe-se também essa exaltação, seja do bandeirante, seja do fazendeiro. Porém, é necessário lembrar que esse “heroísmo” se fez mediante a exclusão e a desigualdade. Portanto, a história é mais complexa do que muitas vezes se tenta afirmar.

CONSIDERAÇÕES

Primeiramente, faz-se necessário elucidar que não estamos colocando em questão a necessidade da preservação do patrimônio histórico, algo de grande relevância para as sociedades na preservação de sua memória. O que aqui se questiona é, portanto, qual a memória está sendo preservada, ou melhor, qual a interpretação está sendo dada às **memórias da cidade**.

O ideal de cidade progressista amplamente disseminado pela elite local ao longo da história de Uberlândia nos levou a pensar sobre a memória produzida no Museu Municipal de Uberlândia na mostra *Nossas Raízes*. A partir de nossos questionamentos, chegamos à conclusão que a memória preservada no Museu Municipal é uma **memória oficializada**, que tenta silenciar outras memórias da cidade e que essa memória preservada é apenas **uma** interpretação da cidade de Uberlândia, que privilegia a elite e a história dos “vencedores”, e não **a** história da cidade. Concluímos, então, que o Museu Municipal e a mostra *Nossas Raízes*, representam o poder da elite local, privilegiando, os “vencedores”, desprezando os “perdedores” e seus papéis na

⁶ Cf. WILLIAMS (1979).

⁷ Virgílio Galassi foi prefeito desta cidade por quatro mandatos, 1970-1972, 1976-1982, 1989-1992, 1997-2000.

construção da região e da cidade de Uberlândia.

Assim, apesar de toda validade do Museu Municipal de Uberlândia como instrumento responsável pelo resgate e manutenção da cultura de um povo, ele **não** deve ser encarado como mantenedor da verdadeira história da cidade de Uberlândia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Roberto; KOURY, Yara Aun. História oral e memórias: entrevista com Alessandro Portelli. **Revista História e Perspectivas**, Uberlândia: EDUFU, nº 25 e 26, Jul/Dez 2001 - Jan/Jul 2002. p. 27-54.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: memórias de velhos. 6ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, 484 p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Definir o lugar? In: _____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 19-26.

CARRIJO, Gilson Goulart. **Fotografia e a invenção do espaço urbano**: considerações sobre a relação entre estética e política. 2002. Dissertação de Mestrado em História - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

CARVALHO, Carlos Henrique de; CARVALHO, Luciana Beatriz de Oliveira Bar de. A ordem do discurso na lógica do espaço urbano burguês. **Sociedade e Natureza**, Uberlândia: EDUFU, ano 10, nº 20, Jul/Dez 1998. p. 37-48.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Trad. Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: EdUFSC, 1999. p. 63-107.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995. 94p.

_____. Espaço: um conceito-chave em Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (org.). **Geografia**: conceitos e temas. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 15-47.

FREITAS, Paulo de (coord.). Museu Municipal de Uberlândia: um pouco de sua história. **Estilos e Projetos**, Uberlândia, nº 1, mar 1996. p. 01-08.

FURET, F. A paixão revolucionária. In: _____. **O passado de uma ilusão**. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 15-46.

GUARANYNS, Ana. O antigo e o moderno, juntos no Museu. **Correio do Triângulo**. Uberlândia, 16 dez 1994. Caderno Revista. p. 15.

HISTÓRIO DO MUSEU MUNICIPAL. Circular FBB nº 01 de 01 de setembro de 1983. [s.n.t.]

MENICONI, Rodrigo & RENDE, Alessandro. Vida nova ao antigo "Palácio dos Leões". **Estilos e Projetos**, Uberlândia, nº 1, mar 1996. p. 16-17.

MUMFORD, Lewis. Emergência da Pólis. In: _____. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. Trad. Neil R. Da Silva. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 135-176.

MUSEU MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA (MMU). **Mostra Nossas Raízes** (catálogo). Uberlândia, 2000, 43p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. Lei nº 3190 de 22 de setembro de 1980. Uberlândia, 1980.

_____. Lei nº 4209 de 25 de setembro de 1985. Uberlândia, 1985.

_____. Lei nº 5571 de 15 de julho de 1992. Uberlândia, 1992.

_____. Lei nº 5790 de 28 de julho de 1993. Uberlândia, 1993.

_____. Lei nº 6278 de 07 de abril de 1995. Uberlândia, 1995.

SOARES, Beatriz Ribeiro. **Habitação e produção do espaço em Uberlândia**. 1988. 222f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

_____. **Uberlândia**: da cidade jardim ao portal do cerrado – imagens e representações no Triângulo Mineiro. 366 f. 1995. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

_____. Uberlândia: da Boca do Sertão à Cidade Jardim. **Sociedade e Natureza**, Uberlândia: EDUFU, ano 9, nº18, Jul/Dez 1997. p. 95-124.

THOMPSON, E. P. Folclore, antropologia e história social. In: _____. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2001. p. 227-267.

WILLIAMS, Raymond. Hegemonia. In: _____. **Marxismo e literatura**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p.111-117.